

EDITORIAL

Agroecologia e Saúde nas trilhas do Cuidado.

“Trilhas para adiar o fim do mundo” poderia ser o subtítulo desta segunda edição da Revista Brasileira de Agroecologia sobre as interfaces entre Saúde e Agroecologia, parafraseando Ailton Krenak, que nos brindou com o iluminado livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019). Sim, porque são trilhas preciosas o que encontramos nestes artigos, desenhadas com cuidado por mentes criativas e corações amorosos: são como pirilampos nas noites escuras de lua nova.

A potência da aproximação entre os campos da Agroecologia e da Saúde – felizmente já em curso - abre horizontes para responder ao doloroso cenário contemporâneo do que vem sendo denominado Antropoceno, Capitaloceno ou Plantationoceno. Como um espelho, esta convergência de crises reflete e nos convoca a refletir sobre as formas como habitamos a Terra, pelo menos desde a Modernidade/expansão colonial, inventando o conceito de raça para legitimar a supremacia branca ocidental; extraíndo a nós, os humanos, da Natureza; aprofundando a exploração dos corpos e do trabalho das mulheres, e assim “justificando” as violências dos genocídios e da extração dos bens comuns dos ecossistemas. No leito da escravização e da espoliação é que nasce o capitalismo, apoiado pela ciência moderna, conformando a ideologia do desenvolvimento e a hierarquização linear das sociedades humanas, chegando aos nossos dias com a imposição do neoextrativismo e do neoliberalismo aos povos do Sul Global. Este sistema-mundo moderno colonial foi capaz de desestabilizar o equilíbrio ecossistêmico de Gaia, nossa Mãe Terra, que nos 11.700 anos do Holoceno possibilitou o florescimento de tantas e diversas civilizações humanas. Faceamos todos agora, neste século XXI, os desafios da “sobrevivência”, os quais já vêm sendo enfrentados através dos séculos pelos povos colonizados.

Quantos de nós estamos lutando contra a tristeza, a insegurança, o medo e a desesperança diante dos dados que nos trazem os cientistas sobre as mudanças climáticas, as contaminações químicas e a aniquilação da biodiversidade, transformações que avançam acelerada e desigualmente sobre os corpos-territórios de populações vulnerabilizadas, racializadas, mulheres e seres mais que humanos? Como defender a Vida diante das trágicas constatações – há algum tempo já antecipadas - de aumento da fome, privação hídrica, ondas de calor, secas e inundações, incêndios, pandemias e sindemias?

Pelo menos duas boas novas se anunciam entre as linhas destes textos que vocês têm em mãos. A primeira é que nem todos os povos desse pluriverso foram tragados pela Modernidade e sua colonialidade. Sob as violências das guerras contra os povos originários, das monoculturas e monocultivos, e da espoliação dos territórios – que já configuraram para aqueles grupos outros “fins de mundo” - muitos povos e comunidades tradicionais, com suas cosmologias diversas e ancestrais, vêm encontrando brechas, ao longo dos séculos, para escapar da dominação colonial. Nas franjas das sociedades ocidentais-capitalistas-brancas-heteropatriarcais, estes guardiões dos segredos da Vida portam ao hoje saberes e práticas essenciais para habitar em harmonia a nossa Casa Comum: o alimento, a água, o abrigo, a comunidade, a fruição, a reciprocidade, a complementariedade, o sagrado... Ou, nas palavras de Krenak:

Ainda há ilhas no planeta que se lembram o que estão fazendo aqui. Estão protegidas por essa memória de outras perspectivas de mundo. Essa gente é a cura para a febre do planeta, e acredito que podem nos contagiar positivamente com uma percepção diferente da vida (Krenak, 2020, p. 73).

A outra boa nova é que no campo científico são muitos os grupos que escolhem a reflexividade, a crítica e a contribuição engajada. Desbordando fronteiras disciplinares em busca de compreender a complexidade e desconstruindo o mito da neutralidade científica, este crescente contingente de professoras/es e pesquisadoras/es está construindo práxis emancipatórias na academia e em outros espaços de produção de conhecimento. Deixando de lado a racionalidade instrumental moderna e atentos a não perpetuar o epistemicídio, estes grupos estão reconcebendo os problemas de estudo e renovando as metodologias para alcançarem, num profundo e fecundo diálogo de

saberes – com aqueles povos da primeira boa nova – a construção compartilhada de conhecimentos para a defesa da Vida, em todas as suas manifestações.

É bem na confluência entre as águas dessas duas boas novas - ciência e saberes ancestrais se fecundando reciprocamente - que tanto a Agroecologia como a Saúde têm encontrado possibilidades de umedecerem suas sementes (crioulas!).

Assim é que, diante da magnitude e complexidade da questão da fome e dos distúrbios nutricionais sindêmicos que desafiam a saúde, encontramos nesta edição da Revista Brasileira de Agroecologia (e também para além dela, na ampla extensão e diversidade dos campos agroecológico e da saúde) tantos grupos-pirilampos que lançam luzes ao se debruçarem sobre o tema da soberania alimentar e da segurança alimentar e nutricional. Respostas se delineiam nas iniciativas de construção compartilhada, junto aos territórios, de sistemas agroalimentares sadios e resilientes, resgatando e difundindo saberes-sementes ancestrais, fazendo justiça às mulheres, levando comida de verdade às escolas, às famílias e às cidades, produzindo ao mesmo tempo vínculos e autonomia. Elas alimentam também a proposição de políticas públicas, a reconcepção de guias alimentares e de indicadores, os processos de formação de educadoras/es, a crítica ao modelo hegemônico de agricultura, com seus venenos e transgênicos, entre outros.

Há ainda outras sendas, como aquelas abertas para conhecer e acolher toda a potência curativa dos vegetais, desde os benefícios da intimidade com a terra em sua produção comunitária em hortos e agroflorestas até os alívios que trazem aos sofrimentos do corpo e da alma, como na homeopatia e na fitoterapia chinesa, também abordadas neste volume. Ou as veredas para o manejo comunitário das águas, incluindo seu reuso em sistemas agroflorestais no semiárido nordestino, e o saneamento ecológico com soluções baseadas na Natureza, que por sua vez circularmente se articulam à produção diversificada de alimentos.

Uma palavra que encontramos muitas vezes nestes artigos é “cuidado”: com o solo, com as sementes, com a água, com os alimentos, com as plantas e os bichos, com as pessoas, com a saúde e com a doença, com a participação, com a intersectorialidade... As ecofeministas têm contribuído neste debate, nos convidando a alargar a compreensão de

cuidado como “todas as atividades que se geram numa sociedade que são capazes de salvaguardar a Terra como organismo vivo e complexo e de garantir aos seres humanos e não-humanos a partilha e a convivência nesta Casa comum”. A partir dos aprendizados no âmbito do doméstico, da reprodução social historicamente atribuída às mulheres, estes movimentos ampliam a compreensão de cuidado para destacar suas “dimensões ontológicas, sociais e epistemológicas” orientadas por outras racionalidades e realizadas em práticas criadoras de “sociabilidades ecológicas, cooperativas e solidárias” (Aguiar, 2023; Cunha, 2022; Cunha *et al.*, 2019). Compreendido nesta magnitude, poderia ser o “Cuidado” uma categoria-chave no enlace entre a Agroecologia e a Saúde? Em que medida nós, dos campos da Saúde e da Agroecologia – ambos se reconhecendo enquanto ciência, movimento e prática, podemos alimentar nossas interações nos situando lado-a-lado como cuidadoras/es na produção social da Vida, fomentando vida em plenitude?

Levar aos sujeitos destes campos o convite para transformar a racionalidade instrumental moderna, secularmente difundida e introjetada na sociedade e na episteme, certamente é um desafio: remover de nós os *chips* implantados do antropocentrismo, do racismo, do heteropatriarcado, do des-envolvimento, da exploração do trabalho humano e não-humano, e tantos outros, rumo a um *sentipensar* com a Terra. Como seguimos juntas/os e nos potencializamos no processo de descolonização do ser, do saber e do poder em nossos campos de atuação? Como possibilitar a um número crescente de companheiras/os vivências territoriais que iluminam nossas leituras críticas e emancipatórias, impulsionando movimentos que vão do ontológico ao epistemológico e político?

Outra dimensão que tem merecido a nossa atenção é o aprendizado provindo tanto de estudos acadêmicos como das lutas sociais: sem terra/território para os povos, não há agroecologia e nem é possível construir saúde. As participantes do “III Encontro Nacional Vozes e Práticas das Mulheres do Cerrado”, realizado neste mês de outubro em Montes Claros/MG, nos trazem mais uma vez este desafio em sua Carta, que reivindica:

Priorizar, por parte dos órgãos federais e estaduais, a identificação,

demarcação e titulação dos territórios indígenas, quilombolas, de povos e comunidades tradicionais, bem como a implementação da política de reforma agrária, condição fundamental para o enfrentamento à violência e para o fortalecimento da organização política das mulheres (Encontro Nacional Vozes e Práticas das Mulheres do Cerrado, 2023, p.5).

De fato, a expansão das fronteiras agrícolas e minerárias, quando não expropria de início estes povos, termina por encurralá-los, cercando-os de agrotóxicos e metais pesados, provocando injustiça hídrica, inviabilizando suas formas de organizar a economia e a vida, e assim expulsando-os, para não adoecer ou morrer – por venenos ou por bala. Problemas análogos surgem em relação a obras como estradas, hidrovias, portos, hidrelétricas e também aos empreendimentos de energias renováveis, impulsionados agora com os argumentos da mitigação das mudanças climáticas, mas quase sempre com repercussões negativas importantes sobre os territórios onde se implantam.

Tais conflitos, latentes ou explícitos, são marcados por profunda injustiça social, ambiental, sanitária e cognitiva; pelo racismo ambiental e estrutural em nossa sociedade; e se enraízam na profunda assimetria de poderes entre os atores sociais em disputa no campo político. O 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia certamente marcará um espaço-tempo fecundo para praticarmos e ampliarmos no coletivo a tessitura de enredamentos e aquilombamentos que incidam sobre essa desigualdade de poder e fortaleçam os territórios, seus jeitos de viver, sua organização e suas lutas, assim como as políticas públicas que reivindicam.

Vandana Shiva nos anima:

O destrutivo Antropoceno não é o único futuro. Podemos passar por uma mudança de paradigma. Uma mudança na consciência já está ocorrendo em todo o mundo. Podemos olhar para o impacto destrutivo que nossa espécie teve na biodiversidade, nos ecossistemas e nos sistemas climáticos do planeta e evitá-lo. A mudança ecológica envolve não nos vermos como fora da teia ecológica da vida, como senhores, conquistadores e donos dos recursos da Terra. Significa nos vermos como membros da família da Terra, com a responsabilidade de cuidar de outras espécies e da vida na Terra em toda a sua diversidade, desde o menor micróbio até o maior mamífero. Cria o imperativo de viver, produzir e consumir dentro dos limites ecológicos e dentro de nossa parcela de espaço ecológico, sem invadir os direitos de outras espécies e outras pessoas (SHIVA, 2016, p. 27).

Seria então o cuidado com a Vida um gene em comum no DNA da Saúde e da Agroecologia? Teria esta ideia-semente a potência de aprofundar o enlace entre estes campos, projetar raízes nesse solo cheiroso e comunicá-las entre si, apoiadas numa rede rizomática e micelial, como fazem as árvores nas comunidades-florestas?

Raquel Maria Rigotto

Na Mata Atlântica, primavera de 2023

Copyright (©) 2023 Raquel Rigoto.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Ada Cristina P.. **Saúde e cuidado como produção de vida**: para descolonizar e *corazonar* a Saúde Coletiva. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2023

CUNHA, Teresa. O cuidado para que nada fique como dantes. **esquerda.net**. 2022. Disponível em: <https://www.esquerda.net/dossier/o-cuidado-para-quenada-fique-como-dantes/78753>.

CUNHA, Teresa; VALLE, Luísa P.; VILLAR-TORIBIO, Cristina. Cuidado. **Dicionário Alice** (On line). Coimbra: Centro de Estudos Sociais. 2019. p.52 Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/87059/1/Cuidado_Dicionario%20Alice.pdf.

ENCONTRO NACIONAL VOZES E PRÁTICAS DAS MULHERES DO CERRADO, III. De 04 a 07 de outubro de 2023 em Montes Claros/MG. **Carta final**. s.n.t. 2023. Disponível em: <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2023/10/CARTA-FINAL-III-Encontro-Mulheres-do-Cerrado.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

SHIVA, Vandana. Prefácio à nova edição. Em: MIES, M.; SHIVA, V. **Ecofeminismo**. Barcelona: Icaria Antrazyt Ecología. 2016.